

Lembranças sobre as luzes no céu da Santa Cruz Iluminada aos discos voadores

Milton José Giaconetti¹

Resumo: A História já há algum tempo se ocupa em investigar, analisar e compreender as idéias, as imagens, as representações e a memória da humanidade no passado. Com os objetivos de contextualização e compreensão, o presente trabalho não terá a preocupação em provar se os relatos sobre as Luzes no Céu eram ou não verdadeiros. Mas sim, procurará demonstrar que eles há algumas centenas de anos fazem parte das fontes documentais; e que tais Luzes incentivaram comportamentos, valores, crenças, assim como expectativas nas sociedades que as imaginaram e de acordo com o próprio contexto cultural as descreveram.

Palavras-chave:

A Santa Cruz Iluminada

Durante o Império Romano fez-se um importante registro de aparecimento de Luzes no Céu no século IV, no período em que os sucessores de Diocleciano travavam uma intensa luta pelo poder. Neste contexto, o exército de Maxêmio defrontava-se com o de Constantino. Este pediu proteção e os céus responderam-lhe com a imagem da *Santa Cruz Iluminada* e com as palavras gravadas: “Com este sinal vencerás”. E a batalha iniciava-se próxima a ponte Mélvio. Após uma carga de cavalaria, Constantino, revigorado pela visão, ordenou os infantes a destruírem o inimigo. Ao verem o corpo de Maxêmio boiando na água declararam-se vencedores (Lissner, 1985: 80-83).

Quem anotou a passagem que Constantino viu a Luz no Céu em forma de cruz foi Eusébio, sábio e biógrafo. De acordo com o historiador Ivar Lissner, através da visão do imperador, dois acontecimentos marcaram profundamente a história da humanidade. Um, talvez o menos significativo, foi a coroação de Constantino pelo senado como o Imperador dos Imperadores; outro, foi a progressiva transformação no primeiro monarca cristão, assim como para o povo romano que agora vivia lado a lado com o cristianismo (Constantino

¹ Mestrando em História pela PUCRS

2

tornou livre a crença), e que aos poucos absorvia os valores de uma única religião, de um único Deus.

Em 410, um novo relato de aparecimento de Luzes no Céu foi registrado, quase cem anos após a visão de Constantino. Nessa ocasião, no vasto Império Romano, que já estava política e socialmente em ruínas, recebia-se um presságio do firmamento. Um *astro de cauda luminosa* tornava-se visível no céu da Itália (Moon, 1997: 78-81). Desta vez a visão não coincidiu com a vitória de uma batalha como a de Constantino, o Grande, mas com a total desagregação do Império Romano. Uma semana depois do sumiço da luz, os godos saquearam e devastaram Roma.

A busca por explicações do que viriam a ser as Luzes no Céu ao final do Império Romano do Ocidente, assim como a construção de pensamentos referentes a elas também não pararam de perseguir o imaginário medieval. No ano 1000, duzentos anos depois do registro do aparecimento de uma luz no céu durante a coroação do Imperador Carlos Magno pelo papa Leão III, novas predições eram vinculadas, corroborando à memória da época. Uma delas dizia respeito à profecia de que na troca do milênio “sinais de prodígios nos céus” declarariam o retorno do Messias e o dia do Juízo Final. Quando um *bólido luminoso* atravessou o céu no ano fatídico, os habitantes da Europa impressionaram-se, pois acreditaram que com ele viria Deus para punir os ímpios e presentear os bons (Ibid: 81).

As denominações dadas às Luzes no Céu pela memória popular ou pelos cronistas que as descreviam não cessavam. Em 1566, seis anos depois do padre jesuíta, José de Anchieta, registrar *fachos cintilantes* atravessando velozmente as florestas brasileiras (Cascudo, 1976: 119 – 121), um estudioso das Sagradas Escrituras e Artes Livres, Samuel Coccus num folheto popular relatava:

“Muitas bolas grandes e pretas foram vistas no ar; com grande velocidade rumaram rapidamente em direção ao sol. Voltaram-se, também, umas contra as outras, como se disputassem uma luta; várias delas ficaram vermelhas e incandescentes, depois foram devoradas (pelas chamas) e se apagaram” (Jung, 1988: 84).

Alguns anos antes, na aurora de 14 de abril de 1561, surgiram “*bolas*” avermelhadas, azuladas e pretas cobrindo o céu de Nuremberg. Era um aviso divino, creram os homens e mulheres da cidade alemã. A crônica narrou que “entre essas bolas, foram vistas também várias cruces de sangue (...), tubos pequenos e grandes, (...) quatro ou mais bolas. Tudo isso começou a brigar entre si”. Quase uma hora depois – conforme a narração – os objetos acabaram desabando do céu e ofuscados pelo sol, queimaram, desaparecendo numa “grande nuvem de vapor” (Ibid: 85).

Em 1716, na Inglaterra os homens da ciência expressavam mais livremente suas idéias, pois uma nova corrente de pensamento, o iluminismo, começava a sacudir as certezas religiosas e absolutistas da época. Edmund Halley, conhecido pelo cometa que leva o seu nome e que o tornou famoso, certa noite enquanto vigiava o espaço com seu telescópio, observou estranhos fenômenos luminosos vagarem por mais de duas horas próximos a ele. Halley registrou que um deles era tão ofuscante que pôde ler um texto impresso a sua luz, e que conforme a sua descrição a mesma que parecia empalidecer de repente voltava a brilhar “*como um fogo alimentado por mais combustível*” (Mistérios do Desconhecido, 1982: 15).

O século XIX, alimentado pelo sucesso da indústria, da ciência e da racionalidade iluminista do final do XVIII, teve também uma movimentada vida cultural e tecnológica. Lamparinas davam lugar à luz elétrica, telégrafos eram substituídos por telefones e os novos balões dirigíveis tomavam conta da mente de escritores como Julio Verne e Herbert George Wells. Tecnologia e literatura juntas confirmavam o novo gênero literário, a ficção científica.

Em 1887, enquanto que o livro de Julio Verne, *Robur, o Conquistador* – obra que se tratava de uma espaçonave que dava voltas em torno do globo – era publicado nos Estados Unidos da América (EUA), uma onda de observações de objetos luminosos no céu transformou-se num novo tema do cotidiano popular e científico. As Luzes no Céu que durante a Idade Média recebiam denominações quase sempre referentes aos valores

4

cristãos, a partir desse momento passaram a ser chamadas conforme as representações e lembranças do homem moderno.

Segundo a imprensa, principal órgão divulgador dos fenômenos luminosos, após uma tempestade no dia 17 de novembro de 1896, em Sacramento (EUA), um condutor de bondes, Charles Lusk, observava de sua residência a formação tempestuosa do céu. De súbito, uma luz muito vibrante passava a uns 300 metros acima de sua casa surpreendendo-o. Acerca da forma do objeto iluminado, Lusk não conseguiu definir quase nada, somente uma forma *esmaecida*. Entretanto, mais pessoas depararam-se com a “*aparição errante*”. Uma delas – conforme um jornal local – disse ter visto a forma de um “*charuto*” voador com uma gôndola pendurada e um par de rodas laterais. No objeto – seguia a testemunha – havia “dois homens a bordo, pedalando furiosamente algo que lembrava o mecanismo de uma bicicleta”; e ela ainda chegou a escutar quando um dos tripulantes falava ao outro: “Devemos chegar a São Francisco lá pelo meio-dia e meia”.

De 1896 a 1897, surgiram outros relatos semelhantes e a imprensa divertia-se a respeito. De São Francisco, o *Examiner* afirmava em manchete: “Deve ser excesso de álcool” e o *Chronicle* ironizava: “o que as pessoas estavam vendo, na verdade era o fantasma de Diógenes, personagem da Grécia antiga que percorria o mundo com uma lâmpada na mão em busca de um homem honesto” (Ibid: 18). Contudo, seria bom lembrar que mesmo a imprensa ironizando os relatos, não deixou de vender vários milhares de exemplares por isso.

O fenômeno das Luzes no Céu aparecia, tornava-se notícia no Ocidente e subitamente desaparecia. Mas a literatura da época e as declarações de espaçonaves tripuladas fizeram com que um renomado astrônomo americano, Percival Lowell, levantasse a hipótese de que a Terra estava sendo vigiada pelos vizinhos de Marte. A sua tese acabou motivando a criatividade de um dos maiores escritores de ficção científica que o planeta já conheceu, H.G. Wells cuja obra, *A Guerra dos Mundos*, escrita em 1898, acabou influenciando muitas gerações. Além dela ter sido adaptada para o cinema e dirigida por cineastas, como Byron Haskin (1953) e Steven Spielberg (2005), foi no ano de 1938

5

que *A Guerra dos Mundos* se popularizou. Entretanto, ninguém esperava que os norte-americanos a levassem tão a sério.

O susto de Nova Jersey e as *Bolas Kraunt*

Domingo, 30 de outubro de 1938. As estradas de Nova Jersey estavam abarrotadas de carros. O perigo de uma outra guerra mundial existia, mas parecia que a população não ligava para isso. Ao contrário, enquanto milhões de pessoas preferiam ir a igreja ou brincar nos parques com suas famílias, outros milhões desejavam ler os jornais e escutar o rádio em casa.

A década de 30 foi a era do rádio. Dramas, romances, anúncios publicitários, telegramas urgentes e informações noticiadas, tudo passava por suas ondas. Orson Welles, ator com quase 22 anos de idade, atuava no teatro e no rádio, e naquele 30 de outubro estava numa emissora para anunciar uma nova peça adaptada por ele da obra de H.G.Wells, *A Guerra dos Mundos*. Mas durante a comunicação da peça não se fez referência alguma ao aspecto de sua ficção, nem de seu autor.

Assim, o locutor iniciava a mensagem radiofônica: “Sabemos agora que, nos primeiros anos do século XX, nosso planeta esteve sujeito a uma estreita vigilância por parte de inteligências superiores a do homem, se bem que igualmente mortais (...). No entanto, através dos imensos espaços etéreos, cérebros poderosos, frios e hostis, olhavam nosso globo com olhos invejosos e traçavam seus planos contra nós” (James, 1951: 51-55).

Em seguida lia-se o boletim de meteorologia, e colocava-se uma música descontraída que bruscamente foi interrompida por um comunicado urgente: de Chicago, um astrônomo informava a observação de explosões de gases incandescentes em Marte. O cientista (interpretado por Welles) seguia suas informações, fornecendo explicações sobre o acontecido, quando novamente suspendia-se a transmissão: “informa-se que um enorme objeto chamejante – em forma de cilindro – caiu numa fazenda perto de Grovers Mill” a mais de 30 quilômetros de Trenton, capital de Nova Jersey.

6

Num curto espaço de tempo, as reportagens passaram a ser transmitidas daquela localidade. De lá, um narrador (Orson Welles), surpreso com o *cilindro marciano*, dizia que nunca “os meus olhos viram coisa tão aterradora (...). Vejo dois (...) olhos? Talvez seja um rosto (...) está se desvencilhando do cilindro (...). É do tamanho dum urso e brilha como couro molhado. Mas o rosto ... É ... é indescritível!”. Com os marcianos pegajosos – seguia o locutor – arrastando-se para fora do objeto, policiais se aproximaram deles. O locutor e inclusive toda a região eram incinerados pela radiação do calor da nave. O exército foi chamado a intervir, mas o *cilindro marciano* ganhava pernas esmagando uma legião de 7 mil homens; 120 escaparam. Na forma de um monstro, a máquina avançava para Nova York. Lá, o locutor, do topo do prédio da emissora descrevia a invasão marciana: “Máquinas da altura dum arranha-céu chegam a parte oeste de Nova York ... É o fim. Expelem fumaça (...) que flutua sobre a cidade (...). A fumaça atravessa a sexta avenida ... a quinta avenida ... As pessoas caem como moscas ... está a (...) a 100 metros (...) a 20 metros ...” (Ibid: 53). O locutor parecia morrer sufocado.

Em Nova Jersey, antes de Welles terminar a peça, inesperadamente, os habitantes já corriam pelas ruas com lenços úmidos no rosto, protegendo-se dos gases venenosos. Mães desesperadas davam o último adeus aos filhos, crentes de que os marcianos estavam se aproximando. Motoristas abandonavam os carros em pleno movimento. Num dos municípios de Nova Jersey, um jovem tomava um carro emprestado e para “me reconciliar com Deus antes de morrer”, a procura de um reverendo, a 130 quilômetros por hora capotava o automóvel duas vezes, saindo ileso. Mais adiante ele falava: “Achei que não tinha importância que o carro se houvesse espatifado (...) de qualquer jeito o dono não ia mais precisar dele”. Nesta hora, as notícias já corriam pelo país e todos pareciam acreditar que Marte estava invadindo a Terra: de outros lugares dos EUA, pessoas que tinham conhecidos ou parentes em Nova Jersey exigiam das autoridades uma lista das vítimas.

A confusão durou até as 20h08 quando a agência de notícias *Associated Press* informava aos seus redatores sobre os apelos dirigidos a ela e as várias emissoras do país, acerca da locução de Orson Welles. Naquela noite, as emissoras não pausaram, um instante

7

sequer, de assegurar aos ouvintes que *A Guerra dos Mundos* ou a invasão de Marte era uma peça teatral e não uma informação verídica (Ibid: 54).

Apesar do susto de Nova Jersey as fontes documentais não citaram nenhum caso grave de acidente ou morte. Todavia, em 1949, uma rádio da cidade de Quito resolveu repetir a mesma rádionovela de Welles e desta vez o pânico foi bem maior: várias pessoas se feriram e 15 morreram (Diário de Notícias, 10/02/1949). A transmissão de Orson Welles deixava um recado: jamais deve-se subestimar a imaginação humana. Assim como Jacques Le Goff afirmou que as pessoas “da Idade Média não sabem olhar, mas estão sempre prontas a escutar e a acreditar” em tudo aquilo que lhes era dito, aqui percebia-se o quanto o horizonte onírico da humanidade era ilimitado (Le Goff, 1979: 266).

As representações produzidas sobre as Luzes no Céu desde então tomavam novas formas e denominações.

Depois de 1938, e da deflagração da Segunda Guerra Mundial, os relatos dos fenômenos luminosos pareciam ceder lugar a outras visões como as das luzes destruidoras das bombas V –2 alemãs. Contudo, na fase final da guerra, pilotos ingleses e americanos apresentavam surpreendentes relatos de visões de estranhas bolas luminosas localizadas no céu.

As *bolas de luz*, afirmavam os pilotos, algumas vermelhas, outras laranjas, pareciam brincar com os seus aviões. Repentinamente, elas apareciam e desapareciam rasgando o céu com manobras muito velozes. Segundo a revista Time – Life, contavam que às vezes, quase ao mesmo tempo, dez delas surgiam do nada, movendo-se entre as asas de suas naves. Batizadas de “*bolas kraunt*” ou “*foofighters*”, as *bolas de luz* primeiramente assustaram os pilotos ingleses porque os mesmos temiam que elas fossem armas secretas do eixo. Mas como as *bolas kraunt* jamais danificaram qualquer aeronave abandonaram essa certeza. Mais tarde, no final da guerra soube-se “que os pilotos alemães também relatavam ocorrências idênticas – e pensavam que fossem armas secretas” dos aliados (Mistérios do Desconhecido: 26).

Uma nova preocupação, um novo mistério

Em junho de 1947, passados praticamente dois anos do final da Segunda Guerra Mundial; das experiências atômicas nos desertos americanos à insana destruição de Hiroshima e Nagasaki, experimentava-se uma fase de tensões, de jogos de difícil compreensão entre capitalistas e comunistas. Era o clima hostil e psicológico do início de um confronto sem armas entre Estados Unidos e União Soviética, a Guerra Fria. Diante disso, surgia uma nova realidade que começava a ganhar forma no imaginário das sociedades: a possível e devastadora terceira guerra mundial. Mesmo com toda essa situação, a humanidade vivia sua rotina e nesse lamentável contexto um piloto comercial norte-americano confirmava à agonia e inquietude presentes.

Kenneth Arnold numa brilhante e vespertina terça-feira de 24 de junho, com a experiência de quatro mil horas de vôo, pilotava seu monomotor sobre as áridas montanhas Cascade de Washington. Conforme a revista Time – Life, vislumbrado pela beleza do lugar, Arnold, “um comerciante de sucesso”, fazia anotações sobre sua rota para a entrega de produtos de combate ao fogo. Naquele dia, enquanto voava em direção à cidade de Yakima, algo aconteceu a três mil metros de altura de Cascade. Seu aeroplano inesperadamente foi banhado “por um clarão branco – azulado”. Arnold acreditou ser uma “explosão (...) e perto daqui”. Vigiou atentamente o céu mas não notou mais nada; recordou seus compromissos e quando olhou para o relógio do painel mostrando que eram quase 15 horas, foi novamente atingido por uma intensa iluminação: nove “objetos cintilantes que passavam” a grande “distância (...) raspando sobre o topo das montanhas a uma velocidade incrível”.

Agitado em sua compacta cabine recordou que o governo realizava experiências com novos jatos desenvolvidos pela Força Aérea americana, mas não era esse o caso. De seu avião observou que dos nove objetos reluzentes “três deles mergulhavam (...) se inclinavam” com uma grande agilidade espantosa como se costurando o céu azul. No tempo em que um deles passou “zunindo sobre o monte Rainer, seu relógio assinalava exatamente um minuto para as três horas. Quando o último ultrapassou a crista do monte Adams, o tempo decorrido era de um minuto e quarenta e dois segundos”. Atento às Luzes no Céu, Arnold não perdeu um segundo sequer, apanhou um mapa e verificando a distância entre os

9

montes, setenta e cinco quilômetros, calculou suas velocidades: “cerca de 2700 quilômetros por hora, quase três vezes mais depressa que qualquer jato conhecido por ele” (Ibid: 36).

Ao aterrissar em Yakima cerca de uma hora depois, correu em direção a Al Baxter, seu amigo e administrador da estação de vôos. Estonteado pela narrativa de Kenneth, Baxter chamou outros pilotos para escutá-la. Contudo, era tarde, Arnold, um homem de negócios, devia completar sua rota decolando a Pendleton, Oregon. Pousando lá, percebeu que “as notícias sobre sua experiência viajaram mais depressa que ele e seu avião”. Tomado por repórteres e “crivado por perguntas”, contou a sua história; quando alguém lhe pediu para descrever as luzes, Kenneth Arnold ficou em silêncio e após respirar por alguns instantes disse: “Voavam como um *disco* que deslizasse sobre a água” (Ibid: 37).

Se as luzes de Arnold eram ou não verdadeiras, não importa. O relevante, foram as imagens relatadas pelo aviador que a partir daquele dia ficaram conhecidas e consagradas como *discos voadores*. As imagens, de acordo com o historiador e professor Moacyr Flores, são construídas de diversas formas, “uma delas é o uso de reminiscências ou símbolos coletivos (Flores, 2004:1). E os *discos voadores*, objetos que marcaram a história do imaginário ocidental nas décadas posteriores, desde então não pararam de fazer parte das representações; das imagens e da memória da humanidade.

Buscar explicações para o que eram ou são as Luzes no Céu não parece ser objeto de pesquisa para um historiador; entretanto, as representações e lembranças referentes a elas, são. Quando as pessoas lembram, automaticamente associam suas lembranças aos valores, costumes e hábitos da sociedade em que vivem. A pesquisadora Ecléa Bosi já afirmava: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (Bosi,1987: 17). O trabalho é definitivamente uma ação humana. E investigar, compreender as ações humanas passadas são tarefas do historiador .

Referências

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987

CASCUDO, Luis da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre, fevereiro de 1949.

FLORES, Moacyr. Rio de Janeiro: Imagens da cidade. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. xxx, n.2, dezembro, 2004.

JAMES, Edwin H. Quando Orson Welles invadiu a Terra. *Seleções*, Rio de Janeiro, n.113, junho, 1951.

JUNG, Carl G. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. Petrópolis: Vozes, 1988.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média. Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1979.

LISSNER, Ivar. *Os Césares*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

MOON, Peter. Uma luz no firmamento. *Isto É*, São Paulo n. 1436, abril, 1997.

O FENÔMENO OVNI. *Mistérios do desconhecido*. Rio de Janeiro: Abril, 1992.